

PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO E A PESTE EMOCIONAL

(2006)

Francisco Tosta

Graduado em Administração de Empresas pela PUC/PR, Brasil
Acadêmico de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
A frequentar a especialização em Psicologia Corporal, no Centro Reichiano, Curitiba/PR, Brasil

Contactos:

franciscotosta@brturbo.com

RESUMO

O presente artigo, baseado numa revisão teórica, tem como objetivo abordar as psicopatologias do trabalho e a suas relações com a peste emocional. Pretende-se, a partir de uma visão Reichiana, indicar as questões coletivas que promovem as doenças no ambiente organizacional, suas conseqüências que abrangem todo o cotidiano dos seres humanos inseridos dentro destas organizações, bem como, algumas particularidades da própria enfermidade.

Palavras-chave: Psicopatologia, trabalho, doenças, peste emocional

INTRODUÇÃO

A psicopatologia do trabalho e a peste emocional refletem a sua própria história, tiveram muita ênfase na Revolução Industrial, onde os meios de produção ocasionavam grandes perdas humanas, incluindo crianças. Levando o proletariado a se organizar para reivindicar uma reforma no trabalho. As lutas dos trabalhadores indicavam que o sistema político e econômico provocava as desordens do bem-estar e possibilitavam as doenças das massas.

Segundo Reich:

“No moderno sistema social, faltam todas as condições prévias; que, em suma, só a mudança radical das instituições e ideologias sociais (mudança que depende do êxito das lutas políticas de nosso século) criará as condições necessárias a uma ampla profilaxia das neuroses”.(REICH, 2004, p. 3).

Há de se perguntar o porquê, da submissão do homem a tantas desordens psíquicas que agem contra a sua saúde mental e corporal, de forma consciente e inconsciente.

Ainda segundo o mesmo autor:

Porque o homem é, antes de mais nada, o objeto de suas necessidades e da organização social que regula a satisfação dessas necessidades, desta ou daquela maneira. Em sua posição de objeto de suas necessidades, entretanto, o homem é, também e ao mesmo tempo, sujeito da História e do processo social do qual “ele próprio é o autor”, não, certamente, como gostaria, mas condicionado por certos pressupostos econômicos e culturais, que determinam o conteúdo e o resultado da ação humana (REICH, 2004, p, 21).

A mente e as psicopatologias vieram subseqüentes às lutas dos trabalhadores por melhores condições de trabalho, ou seja, desde os meados de 1968 a qualidade de vida no sentido psíquico vem sendo apontada como um fator de considerável relevância. Segundo Dejours (1992), o sofrimento mental resulta da organização do trabalho, ou melhor, do controle utilizado pelas organizações das mentes dos seus trabalhadores.

No pós-modernismo, as sociedades capitalistas se tornaram mais individualistas, onde ocasionou a alienação do ser no sentido social, abrangendo também, as organizações.

Na ambivalência pós-moderna, espetáculos, simulação, sedução, constituem jogos com signo. A esse universo informacional, sem peso e desreferencializado, só pode corresponder um sujeito informatizado, leve e sem conteúdo. É o narcisismo dessubstancializado. Narcisismo (amor desmedido pela própria imagem) e dessubstancialização (falta de identidade, sentimento de vazio) resumem o sujeito pós-moderno (SANTOS, 2002, p.102).

De acordo com Reich (1968), o trabalho se tornou mais psíquico, porém frenético e individualizado. A massa pós-moderna não vê o trabalho como a única possibilidade de auto-realização, busca constantemente o lazer como forma de prazer, descarregando as tensões psíquicas e corporais. As repressões consumistas que o homem não consegue alcançar aumentam as coraças gerando angustias e doenças, que se acentuam com as pressões do trabalho na

política da substituição e alta-rotatividade de mão-de-obra, caracterizando os conflitos humanos: família, vida e trabalho, todos englobados na peste emocional.

No conflito entre impulso e moral, eu e mundo exterior, o organismo psíquico fica obrigado a *armar-se* tanto contra o impulso quanto contra o mundo externo, a tornar-se “frio”. Essa *armadura* do organismo pressupõe uma restrição mais ou menos ampla de toda a capacidade e atividade vital. Não é demais acentuar que a maioria dos indivíduos sofre sob essa armadura rígida; entre eles e a vida encontra-se um muro. É a base mais importante de isolamento de tantas pessoas em meio à vida coletiva (REICH, 1968, p. 37).

Diante disso, este artigo, baseado numa revisão teórica, tem como propósito abordar questões sobre a psicologia corporal, psicopatologia do trabalho e a pós-modernidade.

A PESTE EMOCIONAL

A peste emocional está intrínseca nas sociedades que reprimem a livre educação sexual, ou seja, sociedades que tentam estabelecer o controle alienante sobre os indivíduos, atingindo o ser na sua principal forma de alívio das tensões, garantindo uma redução ou ausência do potencial orgástico, resultando em indivíduos encoraçados, rígidos e incapazes de um saudável metabolismo energético de carga e descarga. A esse respeito Reich (2004, p. 461) comenta: “Um homem atravessa a vida com as muletas da peste emocional quando as expressões autorreguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento”.

A peste emocional não é hereditária, ela é criada no sujeito, ou seja, é introjetada frente a sua ontologia, nas relações parentais precárias, que cresce desviada dos interesses coletivos saudáveis e tendem a buscar os seus próprios direcionamentos, sejam eles sádicos, malévolos, caluniosos e etc. Conforme ressalta Volpi (2003, p. 2): “Uma pessoa acometida pela peste emocional, como não consegue se promover pelo esforço próprio, busca se promover por meio da destruição do outro”.

As destruições acometem praticamente todo o ser, seja no seu pensamento, na ação, na sexualidade, no trabalho e entre outros direcionamentos que se estabelecem nas interações do indivíduo com o seu meio potencializador das psicopatologias. Conforme Reich (2004, p. 461): “A peste emocional é uma biopatia crônica do organismo. Fez a sua aparição na sociedade humana com a primeira repressão em massa da sexualidade genital; tornou-se uma doença endêmica, que tem atormentado os povos há milênios”.

O TRABALHO E A PESTE EMOCIONAL

Conforme os referenciais históricos e o embasamento da peste emocional, pode-se constatar que as psicopatologias do trabalho estão intimamente ligadas a esta doença no que se refere às relações do trabalho ou as suas hierarquias. Segundo Dejours (1992 p. 75): “entendemos por relação do trabalho todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores - e que são às vezes desagradáveis, até insuportáveis” .

Essas relações conturbadas geram ansiedades que levam os indivíduos a uma autoflagelação psíquica, que potencializado pelo medo de demissões e por estarem, em sua maioria, acorrentados aos sistemas financeiros, que obrigam os indivíduos a se sujeitarem aos assédios morais manipulados por organizações que sabem destas “correntes”. Conforme Reich (2004, p. 474): “A pessoa acometida da peste emocional, por sua vez, tira tanto prazer sádico, secundário, de seu próprio comportamento, que é inacessível a qualquer correção”.

Outros pontos de considerável questionamento são as relações psicoafetivas, ou seja, as interpessoais e informais no trabalho. Consideram-se essas relações ambíguas, gerando medo e a incapacidade de confiança nos próprios companheiros no ambiente de trabalho. As organizações pregam a chamada divisão do “profissional e pessoal”, divisão esta, que muitas vezes servem de couraça contra os conflitos que maquiagem os sentidos pessoais de perseguições e assédios morais, sejam de maneira vertical ou horizontal na hierarquia. Segundo Dejours (1992, p. 77): “A desorganização dos investimentos afetivos provocada pela organização do trabalho pode colocar em perigo o equilíbrio mental dos trabalhadores”.

O equilíbrio mental é o que carrega e direciona todos os impulsos de vida. Impulsos estes, que quando acometidos pela peste emocional não são liberados adequadamente e retro alimentando a própria peste, acarretando relacionamentos incompatíveis e incursões das doenças psíquicas do trabalho: neuroses, depressões, fobias, stress e até o suicídio. Segundo Reich (2004, p. 464): “A energia que alimenta a reação de peste emocional deriva sempre da frustração genital, quer se trate das ações sádicas de guerra, quer da difamação de amigos”.

Denotam-se vários outros pontos que a peste emocional distorce o equilíbrio mental nas organizações, porém o sadismo parece ser um dos braços mais marcantes da peste. O líder ou o companheiro sádico manipula os demais funcionários contra um ou vários outros indivíduos, sejam por motivos raciais, de gênero, de hierarquia e educação que faz aos atacados por esse sadismo, abrirem mão de suas condições mínimas de saúde mental. Como aponta Dejours (1992), apesar do sofrimento mental que não poder mais passar ignorado, os trabalhadores continuam a suportar este sofrimento dentro dos seus postos de trabalho, justamente para encarar uma exigência ainda pior: sobreviver.

As organizações são constituídas por pessoas que trabalham em pró de um objetivo, formam suas divisões e sub-divisões e juntas tentam conquistar o espaço deste grupo: financeiro, social e político. Os mesmo quando harmonizado, tendem a propor a seus colaboradores, um ideal de vida, de família ou humano, porém, por ser estas organizações constituídas de pessoas, elas também sofrem com a peste emocional, atuando como perpetradoras das desordens psicossociais e coadjuvantes nas psicopatologias tanto da ordem organizacional como individual.

A peste emocional tem conseguido se antecipar a possíveis revelações de seus mecanismos, e o faz por meio de ações bem-dissimuladas e racionalizadas... Provocou uma guerra de dimensões inimagináveis e fomentou o assassinato cotidiano, crônico. Tentou se esconder por trás de sonoros “ideais políticos” e “novas ordens”, por trás de “antigos impérios” e de “reivindicações raciais”. Durante anos teve o crédito de um mundo psiquiatricamente doente... Insultou os sentimentos naturais da vida, em todos os homens e mulheres, sem respeitar a família e a profissão (REICH, 2004, p. 487-488).

CONCLUSÃO

Conforme as análises oriundas da Psicologia Corporal, juntamente com as experiências profissionais dentro das organizações. Denota-se que a psicopatologia do trabalho se correlaciona ao conceito da peste emocional.

Observa-se que a incidência dos assédios morais, atingem de forma negativa todo o equilíbrio e pulsação de vida dentro das instituições. Sendo que, este desequilíbrio se estende aos próprios produtos e serviços oferecidos pelas organizações doentes.

Considera-se que a contaminação através da peste emocional gera as psicopatologias que englobam todo o conteúdo disposto dentro das organizações, propiciando a insatisfação nos serviços prestados, alta rotatividade, tendências aos acidentes de trabalho e dificuldades gerais que proliferam a doença para fora dos muros das organizações.

BIBLIOGRAFIA

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo : Ed. Cortez-Oboré, 1992. 168 p.

REICH, W. **A revolução sexual**. 8. ed. Rio de Janeiro : Ed. Zahar Editores, 1968. 316 p.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo : Martins Fontes, 2004. 491 p.

SANTOS, J. F. **O que é pós-modernismo**. São Paulo : Ed. Brasiliense, 2002. 111 p.

VOLPI, J. H. **Peste emocional**. Curitiba, 2003. 3 p. Artigo em Psicologia Corporal - Centro Reichiano.